

# O IMPACTO DAS REDES SOCIAIS NA CONSTITUIÇÃO DO EU E NARCISISMO: UM OLHAR PSICANALÍTICO

## THE IMPACT OF SOCIAL MEDIA ON THE CONSTITUTION OF THE EGO AND NARCISSISM: A PSYCHOANALYTIC PERSPECTIVE

Maria Eduarda Oliveira <sup>1</sup>

Larissa Granato Resende <sup>2</sup>

Sarah Elizabeth Ribeiro Diniz Gomes <sup>3</sup>

**Resumo:** O presente texto procura refletir sobre como ocorre a formação do Eu sob o olhar da psicanálise e a influência que o contato com a infinidade de informações dentro das redes sociais e exposição do usuário pode exercer sobre seu narcisismo, os impactos desse acesso, o papel da cultura e o conceito de Self dentro desse contexto. Retornamos ao conceito de Eu na psicanálise, a fim de problematizar os atravessamentos e impactos das redes sociais no sujeito. Para alcançarmos tal objetivo optamos por uma pesquisa de cunho exploratório, onde retornamos a autores como Sigmund Freud, Jacques Lacan e Donald Winnicott como base teórica com fim de trazer um olhar psicanalítico sobre a construção do Eu, focando na estrutura neurótica.

**Palavras-chave:** Eu, Redes Sociais, Narcisismo.

**Abstract:** This text seeks to reflect on how the formation of the Self occurs from the point of view of psychoanalysis and the influence that contact with the infinity of information within social networks and user exposure can have on their narcissism, the impacts of this access, the role of culture and the concept of Self within this context. We return to the concept of Self in psychoanalysis in order to problematize the crossings and impacts of social networks on the subject. In order to achieve this goal, we opted for exploratory research, where we returned to authors such as Sigmund Freud, Jacques Lacan and Donald Winnicott as a theoretical basis in order to bring a psychoanalytic view of the construction of the Self, focusing on the neurotic structure.

**Keywords:** Ego, Social Media, Narcissism.

---

<sup>1</sup>Acadêmica do Curso de Psicologia da UNA Barreiro. E-mail: mariaorodrigues09@gmail.com

<sup>2</sup> Acadêmica do Curso de Psicologia da UNA Barreiro. E-mail: larisgranato@gmail.com

<sup>3</sup>Acadêmica do Curso de Psicologia da UNA Barreiro. E-mail: sarah\_elizabeth21@outlook.com

Artigo apresentado como requisito parcial para a conclusão do curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Una da rede Ânima Educação. 2023. Orientador: Prof. Alexandre Rocha Araújo, Mestre.

## 1. INTRODUÇÃO

Com a difusão da internet e das redes sociais dentro das casas brasileiras, o acesso à informação, dados e divulgação de opinião ficou muito mais acessível. Para tornar as redes mais agradáveis e engajar mais os usuários, as empresas de tecnologias responsáveis pela gestão dessas, criaram algoritmos capazes de identificar quais assuntos, postagens, pessoas influenciadoras, páginas e produtos seriam de maior interesse para o usuário da rede, “personalizando” assim o *feed* e delimitando os assuntos que aparecerão e os que não. Conseqüentemente, os usuários têm acesso somente ao que concordam, excluindo opiniões e postagens que lhe contradizem, formando assim as já conhecidas “bolhas sociais”, que impactam o cenário social e político da nossa sociedade nos últimos anos.

Tendo em vista esta evidência das redes sociais, a presente pesquisa, aborda sob a ótica da Psicanálise, as noções de Eu, Narcisismo e Self, discutindo como as redes sociais impactam no processo constitutivo do sujeito e nos laços sociais. Toda pessoa é idealizada desde antes mesmo do seu nascimento, expectativas e fantasias são criadas por seus pais ou aqueles que anseiam sua chegada. Entretanto, a pessoa que irá se constituir passa por um longo processo antes de se dar conta da sua individualidade no mundo, confundindo seu corpo com o mundo externo e sendo um ser quase simbiótico com sua mãe ou figura que a representa. Após esse processo, a pessoa está exposta às expectativas e olhar de vários Outros, que influenciarão a imagem de si e seus desejos.

Dito isso, o texto irá tratar de conceitos como Narcisismo Primário e Secundário, Complexo de Édipo e Castração, revisitando Freud, para falar sobre essa construção e como isso afeta o usuário das redes sociais ao lidar com o Outro que atravessa sua experiência *on-line*. Traz também Lacan, ao falar de Estágio do Espelho e Falo, aplicando-os nas fases de desenvolvimento da criança e adolescente e seus atravessamentos na fase adulta. E aborda o conceito de Verdadeiro e Falso Self de Winnicott.

## 2. METODOLOGIA

Diante do tema proposto, este artigo apresenta-se como uma revisão bibliográfica, sendo embasada pelas ciências da Psicologia e Psicanálise através de uma abordagem qualitativa para retomar os objetivos considerando o problema ou problemática.

O trabalho discute de forma crítica, sistemática e reflexiva por meio de uma pesquisa básica, conceitos psicanalíticos quanto à constituição do Eu e os impactos das redes sociais sobre essa constituição e seu narcisismo.

Na realização do presente artigo, foram utilizadas revisões de livros (através do Google) e artigos científicos (Pepsic, Scielo e Google Acadêmico), incluindo teses relacionadas ao tema, sendo todos da língua portuguesa, realizou-se o levantamento na base de dados utilizando as palavras chaves: redes sociais, eu e narcisismo.

## 3. O CONCEITO DO EU NA PSICANÁLISE

### 3.1 A origem com Freud

Para tratar o tema retornamos ao conceito de Eu (*Ich*)<sup>4</sup> e sua constituição através do olhar da psicanálise. Como Freud descreve abaixo:

(...) o Eu é aquela parte do Id que foi modificada pela influência direta do mundo externo e que visa aplicar a influência da realidade externa sobre o Isso". Se retornarmos à segunda tópica, podemos observar que o Isso é o que nos acompanha desde o nascimento, contendo nossas pulsões, desejos, libido, etc. (FREUD, 1933, p. 39)

É necessário primeiramente, abordar alguns conceitos muito importantes para psicanálise. Começaremos como o Narcisismo, conceito que aqui não representa seu uso comumente referido no senso comum, mas sim, sendo trabalhado como algo que constitui o desenvolvimento do sexual do sujeito e parte da constituição do Eu de todos os indivíduos, atuando como uma pulsão de autopreservação. Freud em sua obra de 1914, descreve-o como:

O termo "Narcisismo" vem da descrição clínica e foi escolhido por P. Nacke, em 1899, para designar a conduta em que o indivíduo trata o próprio corpo como se este fosse o de um objeto sexual, isto é, olha-o, toca nele e o acaricia

---

<sup>4</sup>*Ich* é o pronome em alemão. A tradução para *Ich* será *Eu* ao longo do artigo. No Brasil algumas edições das obras de Freud também usam o termo *Ego*.

com prazer sexual, até atingir plena satisfação mediante estes atos. (FREUD, 1914, p. 14).

Logo, chegamos no termo de *Narcisismo Primário*, sendo exatamente essa fase, onde o sujeito volta suas pulsões sexuais para o próprio corpo, denominada também de auto erotização/autoerotismo. Nessa etapa do desenvolvimento, Fase Oral e Anal que ocorre até os 3 anos, o indivíduo ainda não concebe uma separação do seu corpo do corpo do outro, entendendo sua existência e de sua mãe (ou pessoa responsável pelos seus cuidados) como algo único, simbiótico. Portanto, tudo que seu corpo e desejos necessitam, é prontamente atendido por esse Outro, que ainda faz parte de si.

Não obstante, ao final dessa fase o indivíduo percebe que esse Outro, possui também seus próprios desejos e, portanto, não consegue absorver esse indivíduo em si mesmo e nem ser seu objeto de desejo. O *Complexo de Édipo* é um dos conceitos mais importantes da psicanálise e de acordo com Freud, ocorre entre os 3 e 5 anos de idade, durante a Fase Fálica. Trata-se: "na ligação afetiva ao genitor do outro sexo e concomitante rivalidade ante o do mesmo sexo, uma tendência que nesse período da vida prossegue desinibidamente como desejo sexual direto." (FREUD, 1925). Em ambos os casos, ao se deparar com esse terceiro afetando a relação, inaugura-se o conceito da *castração*, fazendo com que essa criança tenha seu desejo barrado e conseqüentemente, precisando lidar com a frustração de não alcançar aquilo que almeja.

Nas palavras de Freud, o Complexo de Édipo é descrito de forma resumida como:

Simplificadamente, o caso se configura da forma seguinte para o menino. Bastante cedo ele desenvolve um investimento objetal na mãe, que tem seu ponto de partida no seio materno e constitui o protótipo de uma escolha objetal por "apoio"; do pai o menino se apodera por identificação. As duas relações coexistem por algum tempo, até que, com a intensificação dos desejos sexuais pela mãe e a percepção de que o pai é um obstáculo a esses desejos, tem origem o complexo de Édipo. (FREUD, 1923, p. 39).

A partir desse momento, é que se cria uma segunda instância psíquica, o **Eu**. O Id (*Isso*), que Freud afirma ser uma herança filogenética, não consegue lidar com

essas frustrações traumatizantes e essas escolhas feitas pelo outro, geram quebras e estilham sua imagem total de Eu. Logo, para lidar com o adiamento da satisfação de ser objeto de desejo alheio, algo que o Id não é capaz de lidar, cria-se uma versão modificada desse, chamada Eu (Ego), que será capaz de aplicar as ações externas para a primeira instância.

A partir de então, inaugura-se o conceito *Ideal de Eu* como um conceito substituto simbólico do narcisismo primário, formado a partir do Complexo de Édipo e que diz ao sujeito como deve-se ser, tomando algo ou alguém como referência ideal. Esse começa antes mesmo do seu nascimento, com a idealização e expectativas dos pais, onde estes esperam por tudo aquilo que não conseguiram ser e se desenvolve durante a Fase de Latência, estendendo até a Fase Genital, na adolescência.

Segundo Freud: “Com o desmoronamento do complexo de Édipo, o investimento objetal na mãe tem que ser abandonado. Em seu lugar pode surgir uma identificação com a mãe ou um fortalecimento da identificação com o pai. (FREUD, 1923, p.40)”. Portanto, a criança começa a procurar por referenciais para construir aquilo que irá desejar ser, podendo ser seus pais, um ídolo, um professor, tio, uma ideia, entre muitos outros. Propomos que a constituição do sujeito, a formação de seu Eu, fica, na atualidade, atravessada por um "novo" Outro, as redes sociais.

### **3.2 A contribuição de Lacan**

Jacques Lacan inaugurou o conceito do Estádio do Espelho em sua obra “Escritos” (1949, p. 96), trazendo uma visão mais precoce da construção do Eu. Ele divide-o em três tempos, onde no primeiro a criança olha para a imagem refletida e apesar de ver algo combinando com seu movimento e expressão, não percebe a imagem como sua unidade. No segundo momento, é uma fase transitória, onde a criança começa a associar a imagem ao seu Eu, mas ainda visualizando com uma perturbação da imagem, algo embaçado, estranho. Essas duas etapas ocorrem entre o nascimento até o sexto mês do bebê. A partir do sexto mês, no terceiro tempo, é onde ocorre a associação de uma unidade entre a imagem real e a virtual, devido à inversão da posição do olhar, onde o bebê identifica o reflexo como seu duplo eu, formando a função do Eu no sujeito. A partir desse momento, o sujeito precisa de um olhar externo para a integração da imagem como um todo, dependendo do olhar do

Outro simbólico, que o nomeia de fora. Este reconhecimento e júbilo com a integração da imagem real com a virtual, ao mesmo tempo que unifica a imagem do corpo, aliena a imagem do Eu, pois a criança cria uma identificação com o que sua imagem representa em função da nomeação e identificação com o significante que vem do Outro. A partir desse momento, a criança consegue se identificar como uma unidade, entendendo seus limites corporais e reconhecendo seu rosto na imagem virtual projetada no espelho, seu Eu ideal.

Nesse ponto reforça-se a diferença entre os dois conceitos: o Eu Ideal se encontra em uma instância imaginária, a imagem refletida no espelho, localizada de tal modo que o olhar do Outro o encontra e o localiza no simbólico, aquele que existe através da projeção desse Outro, anulando sua existência original, assim o Ideal de Eu se encontra nessa instância simbólica, que irá substituir o narcisismo primário e atuará através do referencial. O Super Eu, terceira instância psíquica, atua a partir desse último, exigindo que o sujeito alcance essa referencial ao mesmo tempo que sempre o lembra de quão distante ele está desse. Durante a construção do ideal de eu, o neurótico entrará em uma posição de dependência desse olhar do Outro simbólico, o que pode gerar uma idealização ou causar efeitos de agressividade. Como afirma Lacan em “A agressividade em psicanálise” (1948/1998), não há identificação sem agressividade e nem agressividade sem identificação, pois para identificar-se com o Outro, é necessário abrir mão do original do sujeito, deixando em sua subjetividade somente a marca dessa relação agressiva, ainda que essa esteja sublimada.

Ao tornar-se o Eu desejante, um conceito torna-se extremamente importante para o entendimento dos desejos e do gozo. Freud não usa muito o termo “falo” em sua obra, referindo-se mais rotineiramente como “pênis” ao abordar o assunto da castração. Entretanto, isso causou diversas críticas à sua obra, pois muitos a interpretam como um “falocentrismo” e questionavam a fase fálica das mulheres e como a psicanálise se sustentava sobre uma exaltação do masculino.

Lacan, portanto, revisita tal conceito em sua obra abordando-o como **falo**, trazendo este como o significante que irá estruturar o campo sexual do indivíduo. Logo, quando se fala em Complexo de Édipo e castração, a criança precisa lidar com

o impedimento de realizar seus desejos, onde o neurótico irá recalcar sua frustração e constituindo seu Eu, perceberá que é um ser desejante.

Nas palavras de Lacan, o falo ocupa uma posição muito importante na psicanálise, onde este procura encaixá-lo nas obras de Freud ao invés de situar com uma pós contribuição:

Na doutrina freudiana, o falo não é uma fantasia, caso se deva entender por isto um efeito imaginário. Tampouco é, como tal, um objeto (parcial, interno, bom, mau etc.), na medida em que esse termo tende a prezar a realidade interessada numa relação. E é menos ainda o órgão, pênis ou clitóris, que ele simboliza. (LACAN, 1998 a [1958], p. 696)

O ser desejante está sempre procurando pelo falo perdido no momento da castração, uma necessidade de evitar o desprazer, buscando sempre uma satisfação que o evitaria, entretanto sem nunca de fato alcançar o prazer. O significante falo, é além dos órgãos genitais femininos e masculinos, apesar de estar ligado ao campo sexual, é sobre renunciar o próprio gozo, algo que toda pessoa em algum momento é obrigada a fazê-lo, portanto, não se restringe à gêneros. Como o desejo só existe pelo atravessamento do Outro, o falo vem como um substituto da perda de tudo aquilo que o sujeito poderia ter, mas não consegue.

### 3.3 A visão de Winnicott

Donald W. Winnicott (1896-1971) foi um pediatra e psicanalista com foco em crianças e adolescentes. Em suas obras, aborda muito sobre a importância da mãe nos primeiros anos de desenvolvimento do bebê e inaugura conceitos importantes como *“holding”*<sup>5</sup>, *“handling”*<sup>6</sup> e uma *“mãe suficientemente boa”*<sup>7</sup>, que irá influenciar diretamente na constituição do **Self** desse indivíduo, conceito inicialmente abordado em 1960 pelo autor e que foi desenvolvido durante toda sua obra dentro da psicanálise.

---

<sup>5</sup>“Holding” expressão criada por Winnicott para abordar os cuidados físicos e psíquicos com o lactente durante sua fase de desenvolvimento. Em uma tradução literal, seria como “segurar”, “suportar”.

<sup>6</sup>“Handling” expressão Winnicottiana referente ao cuidado corpo a corpo do cuidador (mãe) com o bebê. Em uma tradução literal seria “manejo”.

<sup>7</sup>“Mãe suficientemente boa”: Winnicott descreve que uma mãe somente é suficientemente boa quando provê os cuidados necessários com a criança, sem faltar e nem exceder, possibilitando para a criança a quebra da ilusão de ser um ser onipotente.

Segundo Winnicott (1960), há o verdadeiro Self, aquele que representa a real personalidade e caráter do indivíduo e só irá existir diante de uma criança que teve uma mãe suficientemente boa. Nesse contexto, a mãe permite que a criança seja onipotente, não colidindo com sua concepção de ser aquele que domina e possui tudo o que deseja, preparando-o para futuramente, quando estiver preparado, saiba da ilusão e assim lide imaginando e brincando. Portanto, seus objetos são catexizados, ou seja, tornados em símbolos/representações no seu imaginário.

Porém, diante de uma mãe não suficientemente boa, surge o falso self, que é quando a catexização dos objetos ocorre antes do ideal, fazendo com que ele exista antes no imaginário do que na realidade. Isso causa um mundo externo cheio de representações falsas, causando uma maior irritabilidade no indivíduo, que se sente mal diante de tanta falsidade.

Logo, existem dois tipos de Falso-self, primeiro, o normal, que é aquele que criamos para mascarar nosso verdadeiro self, ou seja, como uma máscara que usamos no nosso dia-a-dia para nos adequarmos ao convívio social, funcionando como uma proteção ao Self Verdadeiro. Como afirma Winnicott:

Há um aspecto submisso do self verdadeiro no viver normal, uma habilidade do lactente de se submeter e de não se expor. A habilidade de conciliação é uma conquista. O equivalente ao self verdadeiro no desenvolvimento normal é aquele que se pode desenvolver na criança no sentido das boas maneiras sociais, algo que é adaptável. Na normalidade essas boas maneiras sociais representam uma conciliação. (WINNICOTT, 1960/1983, p. 137)

E o segundo, patológico, que é quando isso torna-se a base do caráter, apresentando graves consequências para a psique do sujeito, que passa a escolher de forma cuidadosa aquilo que será compartilhado e exposto para o Outro.

A mente é a principal morada do falso self, disse-nos muitas vezes Winnicott, contrastando-o com o verdadeiro self, relacionado aos processos fisiológicos básicos, principalmente ao funcionamento do coração e à respiração. Assim, a intelectualização é uma das expressões mais frequentes de indivíduos falso self, que pretendem, com uma hipertrofia de seus aspectos intelectuais, encobrir tudo aquilo que é mais genuinamente humano, instintivo, vital. (Mello Filho, 2001, p.151)

Na obra de Winnicott (1960/1983), compreendemos que os conceitos de verdadeiro e falso não se relacionam diretamente com "certo" e "errado". Em vez disso, eles apontam para duas maneiras distintas de experimentar o self como

verdadeiro, expressando gestos espontâneos e impulsos instintivos mais primitivos; e como falso, imposto para atender às demandas externas e se adaptar a elas. Portanto, as vivências do indivíduo podem ser percebidas como pertencentes ou não ao seu verdadeiro self.

#### 4. AS REDES SOCIAIS E O NARCISISMO

Já é notável a influência das redes sociais sobre a sociedade e consecutivamente o lugar que elas vêm ocupando dentro da cultura, ganhando lugar dentro das casas, trabalhos, escolas, comércios, etc. Raramente entramos em ambientes onde não tenha pelo menos uma pessoa com telefone na mão, fotografando o momento, fazendo um *post* ou mandando uma mensagem que seja. Em um contexto de exposição, onde tudo é fotografado e comentado, as mídias sociais têm se tornado cada dia mais presentes dentro da rotina.

Kallas (2016) descreve bem uma das consequências mais visíveis que o uso em excesso das redes sociais trouxeram: a necessidade de estar *online* a todo instante, o que traz um viés de exibição que remete a necessidade e o desejo de ser visto, o que se aproxima da construção de Freud (1914) no texto sobre o narcisismo onde que ele define como olhar/ser olhado, esse acontecimento narcísico de alienação primordial, fundando no olhar da mãe como objeto para sempre perdido e, portanto, para sempre buscado.

Aqui, como sempre no âmbito da libido, o indivíduo se revelou incapaz de renunciar à satisfação que uma vez foi desfrutada. Ele não quer se privar da perfeição narcísica de sua infância, e se não pôde mantê-la, perturbado por admoestações durante seu desenvolvimento e tendo seu juízo despertado, procura readquirir na forma nova do ideal do Eu. O que ele projeta diante de si como seu ideal é o substituto para o narcisismo perdido da infância, na qual ele era seu próprio ideal. (FREUD, 1914, p. 27-28)

Tratará como operador o Eu Ideal que remete a importância do Outro na constituição da psique do indivíduo, que traz consigo a imagem da perfeição narcísica e a nostalgia subjetiva na criança e, portanto, uma busca de recuperação dessa vivência a partir desse feito se inicia um segundo tempo lógico, Freud (1914) chamou de ideal do eu, efeito psíquico do narcisismo secundário: “Com a castração, a onipotência de um eu infantil (eu ideal) declina, atraindo uma nova modalidade narcísica de relação com o próprio eu, o ideal do eu”.

Após a dolorosa passagem pelo Complexo de Édipo e a castração, o sujeito substitui as aspirações de seus criadores por outros objetos externos, que serão denominados como o Outro da Cultura. A partir desse fenômeno podemos entender o “dar-se a ver”, esse conceito consiste em um retorno sobre uma marca psíquica conquistada na infância, que é revisitada a partir de uma nova experiência narcísica, uma operação advinda da necessidade do espelho, que consiste em uma “superfície” de validação para esse novo sujeito.

Dados do IBGE (2018) mostram que uma parte crescente da população brasileira (70% no ano de 2017) tem acesso à internet, estando online em média 9 horas e 29 minutos por dia, sendo que 40% (3 horas e 34 minutos) deste tempo é utilizado em mídias sociais por 66% da população, valor este que vem aumentando. Dentro das redes sociais podemos presenciar um retorno ao Eu ideal e uma fixação do Ideal do Eu, visto que o sujeito tem a liberdade de escolher o que mostrar, qual pensamento compartilhar, qual foto postar, no intuito de alcançar *likes* e com isso atingir a aprovação e a validação do Outro ou em contrapartida, tendo que lidar com a frustração ao não receber aquilo que deseja.

Bauman (2005) cita as redes sociais como uma tentativa de construir uma identidade, ao nos lembrar de que a identidade é algo a ser inventado; as publicações, que são aquilo que o sujeito coloca para ser visto, quase como uma representação de quem ele foi, é e quer ser, condizente com o que ele acredita que vai ser bem recebido e validado pelo outro. Vendo deste modo a exibição se confronta, nas redes, o grifo: “Como dar-me a ver ao Outro? ”, “Quem eu sou? ” e “O que o Outro espera/quer de mim?”. E isso vai de acordo com o público e o nicho que se deseja atingir, que pode variar de acordo com gênero, raça, classe social, posicionamento político, lugar de origem, religião, etc.

A partir do que foi constatado acima pode-se observar dentro das redes sociais a formação de bolhas ou grupos sociais, fenômeno que pode ser explicado através de Freud (1921/2011) quando ele retoma os escritos de autores como McDougall e Le Bon para definir a ideia de grupo, caracterizando que um montante de pessoas só se transformará em um grupo psicológico caso todos esses indivíduos tenham pelo

menos um interesse em comum, diferenciando-se por meio de seu grau de organização.

Deixando claro o atravessamento do Outro e da cultura em geral na formação do indivíduo, como evidenciou Freud (1921), que além de ressaltar a importância da psicologia social em articulação com a individual, afirma que “a psicologia individual é também, desde o início, psicologia social, num sentido ampliado, mas inteiramente justificado.”

#### **4.1 A influência dos pares das redes sociais**

Crianças, dentro da faixa etária, que atravessa do período da fase fálica ao período de latência, portanto atravessado pelo narcisismo e importantes desenvolvimentos sexuais edípicos, ao entrarem na escola, começam a lidar com outras crianças que tiveram outros referenciais, saindo do seu primeiro ciclo social que se constituía pelos seus cuidadores e diversificando suas vivências e experiências, que antes eram restritas somente ao núcleo familiar. Já na adolescência, o sujeito atravessa o narcisismo secundário em direção à escolha de objeto e marca importantes destinos pulsionais (período de latência e fase genital), onde ocorre a troca do Outro parental pelo Outro da cultura, buscando assim novos objetos de identificação.

Essa busca por um novo objeto de identificação tomou proporções maiores com o acesso à internet, Peixoto (2014) traz a reflexão a partir dos algoritmos *EdgeRank*, onde pode-se observar a união de pessoas, baseadas em perfis, idade, classe social, posicionamento político, gênero, religião, interesses e gostos, com objetivo de empurrá-las para bolhas sociais. Assim, seu “*feed*” será tomado por publicações de indivíduos e páginas segundo seus compartilhamentos, curtidas e com base nas pessoas que você segue, sendo que quanto mais você demonstra interesse sobre determinado conteúdo mais ele será apresentado a você, com isso vemos “ao vivo” grupos se formando e os indivíduos deixando o “senso crítico”.

Freud (1921) define o conceito psicanalítico de identificação, como “a percepção de algo em comum com uma pessoa que não é objeto dos seus instintos sexuais”. Quanto mais significativo esse algo em comum, mais bem-sucedida deverá

ser essa identificação parcial, correspondendo assim ao início de uma nova ligação. A partir do que foi definido como Identificação, é compreensível as razões para que os indivíduos gastem tanto tempo imersos no universo virtual, podendo ser pela satisfação de ter seus conflitos internos reduzidos através do encontro com outros indivíduos que compartilhem dos mesmos ideais, a sensação de anonimato, perda da individualidade, etc., assim podendo dar início a uma massa.

Já foi elaborado no artigo outro conceito psicanalítico de extrema importância para se compreender o gozo que o indivíduo encontra ao ser pertencente a uma massa, Freud (1921) definiu: “uma massa primária desse tipo é uma quantidade de indivíduos que puseram um único objeto no lugar de seu ideal do Eu e, em consequência, identificaram-se uns com os outros em seu Eu”, objeto esse que pode ser um líder ou uma ideia compartilhada. É importante ressaltar que o sujeito adquire um grande alívio quando seu Eu se aproxima do Ideal de Eu, já que nessa aproximação algumas sensações desagradáveis são eliminadas, como a sensação de culpa, vazio, etc., o que vai proporcionar um grande prazer na identificação entre o sujeito e os outros participantes da massa.

O sujeito se enriquece, de forma parcial, com características que pertencem ao objeto, atribuindo-lhe relevância de acordo com a importância que o sujeito dá a essa característica que coincide entre esses dois egos. A partir daí, surge uma simpatia que permite a criação um novo laço libidinal entre indivíduos, sendo este o mesmo laço que une os membros de um grupo. (Queiroga et al, 2016, p. 117)

Freud (1921) descreve a massa como impulsiva, volúvel e excitável, guiada exclusivamente por seu inconsciente, e isso pode ser observado dentro do universo virtual, principalmente quando são citadas situações de “cancelamento” ou “linchamento”, onde podemos observar vários indivíduos que pensam de uma determinada forma, agirem de forma completamente violenta, tanto moral quando psicológica, comportamento esse que provavelmente não ocorreria fora dessa massa.

Comportamento esse, explicado por Queiroga (2016), que afirma que quanto mais imerso o indivíduo está em um determinado grupo mais suas inibições são reduzidas e com isso, ocorre a redução do senso crítico, da responsabilidade social e até individual, levando a tomar atitudes que não teria individualmente, ou seja, movido por sua pulsão.

## 5. REDES SOCIAIS E PSICOPATOLOGIA

Com o acesso às redes sociais e a internet, as pessoas conseguem buscar rapidamente o que lhes agrada, fazendo com que o algoritmo traga, a cada acesso, mais e mais coisas de seu interesse, tornando a evitação do desprazer cada vez mais rápida e fácil, podendo fazer o sujeito passar horas e horas navegando na internet na tentativa de saciar um querer que talvez não possa ser saciado, devido à dimensão de conteúdo que ainda pode ser explorado. Além disso, é possível expor sua imagem e opiniões para todo o mundo com um só clique, permitindo que outras pessoas deem feedbacks positivos ou negativos sobre seu “post”.

Diante a esse vasto número de indivíduos podendo comentar e opinar em cima de cada postagem, as pessoas vão filtrando e escolhendo minuciosamente o que vão compartilhar, pensando não só no que vai ser bem aceito e bem visto, mas sim, no que vai ser adorado. Muitas pessoas preferem até mesmo não expor suas verdadeiras escolhas para poderem fazer parte do que a maioria concorda e admira. Trazendo características que se assemelham ao falso Self que, de acordo com Winnicott (1960/1983), é quando o sujeito se manifesta de acordo com o esperado de outros indivíduos, fazendo com que ele seja pertencente a algo.

Um risco particular se origina da não rara ligação entre a abordagem intelectual e o falso Self. Quando um falso Self se torna organizado em um indivíduo que tem um grande potencial intelectual, há uma forte tendência para a mente se tornar o lugar do falso Self, e neste caso se desenvolve uma dissociação entre a atividade intelectual e a existência psicossomática (WINNICOTT, 1983, p.132).

Com isso, por meio das interações entre dois ou mais indivíduos, vai se criando relações com sustentações narcísicas, quando o que é exposto é escolhido já pensando no reconhecimento que vai ter. É possível fazer uma associação de tal ideia com o conceito de narcisismo, mais precisamente, quando Freud (1914) fala sobre o narcisismo secundário que pode ser entendido em dois momentos: o primeiro que é quando se investe diante ao objeto e o segundo quando esse investimento retorna para si mesmo.

O delírio de grandeza, próprio a esses estados, nos indica o caminho. Sem dúvida, nasceu às expensas da libido de objeto. A libido retirada do mundo externo foi conduzida para o eu e assim surgiu uma atitude que podemos chamar narcisismo. Mas o delírio de grandeza não é uma criação nova, como sabemos, é a ampliação e o desdobramento de um estado que já existia antes.

Isso nos leva a conceber o narcisismo que nasce da retirada dos investimentos objetais como um narcisismo secundário que se edifica sobre a base do outro, primário. (FREUD, 1914, p. 72- 3).

A busca pela aprovação e pela admiração de seus “seguidores”, faz retornar ao próprio sujeito, seu investimento pulsional, ressaltando traços narcisistas, trazendo satisfação e aumentando o desejo pela adoração de outras pessoas. Logo, a preocupação com a aparência física, com o modo de agir diante a situações, como tudo vai ser visto e até mesmo julgado, começa a ter cada vez mais relevância na vida do sujeito.

Pessoas passam por procedimentos estéticos e compartilham constantemente corpos denominados como perfeitos nas redes sociais. Corpos estes que são muito admirados e olhados como algo a ser alcançado, assumindo somente esse padrão como ideal. Essa comparação do real com o que é visto e compartilhado nas mídias sociais pode desencadear diversos problemas de auto estima, a não aceitação com o próprio corpo, com os próprios traços, podendo levar o sujeito a desenvolver dissociação de imagem e até mesmo transtornos alimentares. Tal fato se assemelha ao que Lacan (1949) traz sobre o conceito de Estádio do Espelho, onde a criança se identifica como Eu ao olhar sua imagem no espelho, de tal forma que seu posicionamento permite o atravessamento do olhar de um Outro. A rede social pode ser vista como o espelho e a pessoa que o sujeito acompanha representa a imagem ali, se tornando não só uma inspiração, mas também uma figura do Eu onde o sujeito se vê.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Com base na análise feita no presente artigo busca-se entender o fenômeno das mídias sociais e seu atravessamento pelo sujeito voltado para teoria psicanalítica, explicando alguns conceitos como o complexo de Édipo, o conceito de castração, identificação, narcisismo primário e secundário, formação de massas, etc., exemplificando como podemos identificar seus efeitos dentro da sociedade contemporânea. Percebe-se que a constituição do Eu está intrinsecamente interligada com o olhar do Outro e que o processo narcísico do sujeito é afetado de acordo com suas vivências tanto individuais quanto sociais.

Nos tempos de internet e redes sociais, tornou-se um fator muito importante para a identificação do usuário, as postagens de outras pessoas e aquilo que elas escolhem compartilhar on-line. Curtidas, comentários e engajamento tornaram-se uma fonte de desejo, padronizando as postagens, como uma receita a se seguir, para que tal gozo possa ser alcançado. Resulta-se então, em uma geração que possui seu narcisismo secundário a florado, movida a bolhas sociais e sem uma experiência orgânica, com um persistente sentimento de descontentamento e insatisfação frente à uma vida falsa e vazia de conteúdo, procurando sempre evitar o desprazer ao lidar com as inconsistências dos Outros presentes nas redes sociais e seguindo o padrão para evitar a falta e conseqüentemente, a angústia que ela gera, mas sempre falhando miseravelmente no processo.

As redes sociais permitem ampliar o olhar para vários Outros, que atravessam o usuário com seu olhar, mas jamais validam o que veem, impossibilitando a satisfação plena e frustrando o sujeito, que permanece em uma incessante busca por essa validação. Além de ficar claro que a fuga para a massa se tornar uma forma de “alcançar” tal satisfação, fazendo com que fique cada vez mais evidente a perda da individualidade dentro das redes, a falta de senso crítico, a diminuição da moral, a repetição, etc., em prol do pertencimento. Toda essa influência que Outro tem ali, além de criar relações com sustentações narcísicas, possibilita a formação de sintomas psicopatológicos que podem desencadear a transtornos mais graves, resultando no adoecimento mental do sujeito.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Z. Identidade. In: Carlos Alberto Medeiros (Trad.). Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

CORDEIRO, L. H. et al. Um olhar psicanalítico sobre a influência das redes sociais na constituição da autoimagem do adolescente. Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação, [S. l.], v. 8, n. 11, p. 1368–1381, 2022. DOI: 10.51891/rease.v8i11.7729. Disponível em: <<https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/7729>>. Acesso em: 08 maio.2023.

FERRARI, I. F. Agressividade e violência. Psicologia Clínica, v. 18, n. 2, p. 49–62, 2006.

FREUD, S. Sobre o narcisismo: uma introdução. In: FREUD, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. 14. Rio de Janeiro: Imago, 1990, p. 14-119, 1914/1916.

\_\_\_\_\_. Psicologia das massas e análise do ego. In: FREUD, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. 18. Rio de Janeiro: Imago, 1990, p. 10, 1921.

\_\_\_\_\_. O Ego e o Id. In: FREUD, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. 19. Rio de Janeiro: Imago, 1990, p. 11-83, 1923.

\_\_\_\_\_. Inibições, Sintomas e Ansiedade. In: FREUD, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. 20. Rio de Janeiro: Imago, 1990, p. 93-201, 1926[1925].

\_\_\_\_\_. Novas Conferências Introdutórias sobre Psicanálise. In: FREUD, S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. v. 22. Rio de Janeiro: Imago, 1990, p. 11-220, 1933[1932].

GALVAN, G. B.; MORAES, M. L. T. Os conceitos de verdadeiro e falso self e suas implicações na prática clínica. Aletheia, Canoas, n. 30, p. 50-58, dez. 2009. Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-03942009000200005&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942009000200005&lng=pt&nrm=iso). Acesso em 15 maio 2023.

KALLAS, M. B. L. de M. O sujeito contemporâneo, o mundo virtual e a psicanálise. Reverso [online], v. 38, n. 71, pp. 55-63, 2016. ISSN 0102-7395.

LIRA, A. G. et al. Uso de redes sociais, influência da mídia e insatisfação com a imagem corporal de adolescentes brasileiras. Jornal Brasileiro de Psiquiatria, v. 66, n. 3, p. 164–171, jul. 2017.

LACAN, J. A agressividade em psicanálise. Em Escritos (pp. 104-126). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, 1948.

\_\_\_\_\_. O estágio do espelho como formador da função do eu. In J. Lacan, Escritos (pp.96-103). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998b.

MAIA SANTOS, L. et al. A construção do "si mesmo" frente aos paradigmas das Redes Sociais. Perspectivas em Psicologia, [S. l.], v. 23, n. 2, p. 143–159, 2020. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/perspectivasempsicologia/article/view/52224>. Acesso em: 01 maio. 2023.

McDOUGALL, J. As múltiplas faces de Eros: uma exploração psicanalítica da sexualidade humana. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MELLO, Filho, J. (2001). O ser e o viver: uma visão da obra de Winnicott. São Paulo: Casa do Psicólogo.

MILLER, J. A. Em direção à adolescência. In: Caldas, H. (org). Errâncias, adolescências e outras estações. Belo Horizonte: Editora EBP, 2016.

QUEIROGA, C. S. et al. Uma breve reflexão sobre a formação das massas nas redes sociais e a busca por um novo ideal do eu, 2016.

SVARTMAN, B. Winnicott: conceitos que abrem novos caminhos. Rev. SPAGESP, Ribeirão Preto, v. 1, n. 1, p. 117-125, 2000. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1677-29702000000100016&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702000000100016&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 01 nov. 2023.

WINNICOTT, D. W. Distorção do ego em termos de verdadeiro e falso self. In: Winnicott, D. W. O Ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Porto Alegre: Artmed, 1983, p. 128-139, 1960.

\_\_\_\_\_. O conceito de falso self. In: Winnicott, D. W. Tudo começa em casa. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 53-58, 1964b.